

# Diversidade Linguística: Variação Linguística e Prática Pedagógica

Profa. Vera Lúcia Godinho Carneiro - UnB

## *Resumo*

Este artigo tem como propósito abordar a maneira que a diversidade linguística está sendo abordada pelos professores, em sala de aula, e como os professores de língua portuguesa reagem à variação linguística dos alunos, no momento de ministrar os conteúdos gramaticais. Esse artigo tem como base os resultados obtidos em uma pesquisa de campo desenvolvida em uma escola pública no Gama-DF, onde foram feitas observações, gravações e a aplicação de um questionário aos professores colaboradores com o intuito de comparar a teoria e a prática utilizada por esses educadores.

**Palavras-Chave:** Diversidade linguística. Norma padrão. Preconceito. Sala de aula.

## **1 Introdução**

A linguística abordada como ciência que estuda as línguas naturais humanas tem como marco nos estudos acadêmicos a publicação, em 1916, da obra póstuma “Curso de Linguística Geral” do linguista suíço Ferdinand de Saussure publicado por meio dos escritos dos alunos de Saussure.

A partir da teoria estruturalista, novas pesquisas foram publicadas e muitos autores levantaram questionamentos a respeito da teoria saussuriana, os quais trouxeram aprofundamento no assunto e abriram novos rumos para os estudos da linguística. William Labov ([1972] 2008) trouxe grandes impulsos para a Linguística contemporânea com a criação da Teoria Variacionista, vertente da Sociolinguística que dá ênfase a descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos ocorridos dentro de um contexto social, a qual especifica os itens essenciais a serem analisados, as variações e as mudanças ocorridas na fala.

Por muito tempo acreditou-se que a língua era homogênea e através desse conceito montou-se uma Gramática Normativa, e dela estipulou-se uma Norma Padrão considerada como o único modo correto dos falantes utilizarem a língua materna. Mas, com o aprimoramento dos estudos, provou-se que a língua possui heterogeneidade. Mussalim e Bentes (2007, p. 33) ressaltam que “Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta por uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedade [...]”. Contudo, nem todos conseguiram acompanhar as evoluções obtidas na área da linguagem e consideram a variação linguística um problema, uma falha no momento de estabelecer a comunicação. Para estes tradicionalistas, a língua é algo fixo, imutável, toda padronizada, e qualquer manifestação linguística diferente das estabelecidas pela Norma Culta é censurável.

A linguística atual dá ênfase ao estudo da língua falada e a considera como um de seus princípios essenciais, sem rejeitar a expressão escrita. Foi com o engajamento das teorias da Linguística e da Sociolinguística que muitos pesquisadores, em meados da década de 1980, começaram a perceber que a concepção de língua e variação deveria estar aplicada à educação, ou seja, ao ensino da Língua Portuguesa.

Vários autores como Bortoni-Ricardo (2004), Koch (2000) e Luft (2003) classificaram a Sociolinguística como sendo uma vertente da linguística que estuda as relações entre língua e a sociedade, que os estudos sobre a linguagem e seu contexto social se deslancharam. Bortoni-Ricardo (2004, p. 37-38) afirma que,

Nas últimas décadas, os educadores brasileiros, com destaque especial para os linguistas, têm feito um trabalho importante, apontar que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.

Durante muito tempo a sociedade impôs o ensino de uma língua materna homogênea, o qual desconhecia completamente qualquer tipo de variedade linguística. Apesar das mudanças ocorridas nas práticas pedagógicas nos últimos anos, permanece a recusa de alguns educadores em aceitar a heterogeneidade da língua, e o modelo de ensino tradicional continua sendo praticado nas escolas.

## 2 A Sociolinguística Educacional

A abordagem sociolinguística tem como foco principal a maneira que o falante efetivamente estabelece a comunicação, a qual se preocupa em descrever as variações linguísticas apresentadas em uma comunidade e correlacioná-las com a categoria social em que estas pertencem. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 63-64),

O apoio do contexto situacional em que se encaixa a comunicação é, sem dúvida, um dos recursos mais poderosos à disposição do falante. Mas não se deve entender contexto como um construto estático, referente ao ambiente físico [...]. As línguas naturais são por natureza, um fenômeno sensível ao contexto. Mas os eventos de fala variam muito em relação à dependência contextual.

Como a língua não é homogênea, as variedades ou variações linguísticas vão estar sempre presentes na interação entre os indivíduos pertencentes à mesma comunidade. Quando se institui uma norma, a qual é imposta como única e correta, a fala deixa de ser uma questão só da linguística e passa a ser também social, pois, no momento em que se estabelece uma forma de se expressar superior a outra, cria-se um espaço para a intransigência linguística, e o preconceito evolui e ganha grandes proporções. De acordo com Mussalin e Bentes (2007, p. 42),

A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste caso o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo. A sociedade reage de maneira particularmente consensual quando se trata de questões linguísticas: ficamos unanimemente chocados diante da palavra inadequada, da concordância verbal não realizada, do estilo impróprio situação da fala [...].

A escola como espaço social formador de cidadãos, a qual prega a liberdade e a democracia, não pode ser intransigente e ignorar os aspectos culturais do aluno, seu dever é proporcionar um ensino da Língua Portuguesa de forma que o modo de falar com suas diversidades e variedades sejam valorizados em diferentes situações e contextos.

### **3. O Preconceito Linguístico em Sala de aula**

Quando o professor escolhe por não considerar as variações linguísticas em sala de aula, as consequências negativas surgem na aprendizagem da língua materna. As aulas passam a ser vinculadas somente à gramática normativa, seguindo os conceitos de “certo” ou “errado” e o conteúdo trabalhado é baseado no que deve ou não ser aceito na linguagem. Ao manter esta postura o docente deixa de ensinar a Língua Portuguesa e passa a impor um ensino de uma norma que não corresponde com a realidade vivida pelo aluno. Esse tipo de comportamento cria barreiras para o ensino-aprendizagem do educando. Bortoni-Ricardo (2005, p. 15), alega que,

No caso do Brasil, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua-padrão.

Mesmo com os avanços alcançados nos estudos do uso da língua, e o Ministério da Educação ter incluído nos PCN's<sup>1</sup> o ensino da língua portuguesa respeitando a variação linguística, a escola tem encontrado muitas barreiras ao ministrar as aulas e harmonizar a norma culta com a diversidade linguística do aluno.

Esses impedimentos encontrados pelo professor no momento de conciliar diversidade linguística e a norma-padrão estão relacionados à dificuldade em escolher a conduta ideal a ser tomada no momento que o aluno manifesta uma regra da língua materna dele, que não condiz com a norma-padrão e o educador precisa intervir e oferecer essa norma privilegiada. Para ensinar a gramática sem ignorar ou estigmatizar o aprendiz, Bortoni-Ricardo (2004, p.42) afirma que:

O professor deve incluir dois componentes: a identificação e conscientização [...] É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar intervenções inoportunas [...].

Como a língua é um produto social, que determina a identidade do indivíduo dentro de uma sociedade, é preciso empregar metodologias que interajam a norma culta e o conhecimento cultural do educando, com o intuito de auxiliar professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla, sem separar a língua portuguesa norma padrão do seu contexto social.

Para despertar o interesse do aluno e ganhar sua confiança, o professor precisa instituir uma relação que tenha o mínimo de obstáculo possível, e isso envolve o respeito ao conhecimento cultural do educando. A partir desta atitude, o educador consegue se posicionar como mediador no processo de aprendizagem.

### **4 Pesquisa na Educação**

Conforme pesquisa realizada em um Centro de Ensino que integra a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal localizado na cidade do Gama/DF, tendo como sujeitos colaboradores alunos das séries finais do Ensino Fundamental e professores de Língua Portuguesa, é possível mostrar como os docentes vêm conciliando a diversidade linguística e as práticas pedagógicas empregadas em sala de aula. Foram feitas gravações de aulas regidas por 02 professores e a aplicação de questionário aos docentes.

---

<sup>1</sup> Parâmetros curriculares nacionais

A pesquisa teve abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender a realidade do ambiente escolar e facilitar a interação entre teoria e prática, uma vez que estas são essenciais na construção da aprendizagem e deve fazer parte de todo trabalho que se espera obter resultados eficientes. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 34),

[...] Na pesquisa qualitativa, não se procura observar a influência de uma variável em outra. O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber com os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam.

A pesquisa qualitativa diferencia-se das outras, porque ela não generaliza o elemento a ser analisado, seu principal objetivo é sempre compreender os fenômenos e não explicá-los, buscando o objeto na sua natureza sem modificá-lo.

#### **4.1 Diversidade linguística x práticas pedagógicas**

Com relação aos professores colaboradores, os dados gerados mostraram preconceito e intolerância linguística nas práticas pedagógicas utilizadas por eles. O preconceito linguístico ocorre quando as variações linguísticas são ignoradas e os indivíduos que não fazem uso da norma padrão sofrem algum tipo de intolerância ou discriminação quando falam em desacordo com as regras gramaticais. Segundo Leite (2008, p. 24),

[...] em relação à língua, pode-se falar tanto de preconceito quanto de intolerância [...] O preconceito é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: é um não-gostar, um achar feio ou achar-errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser bonito ou correto. É uma não gostar sem ação clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta no discurso metalinguístico calcado em dicotomias, em contrários [...]

O não enquadramento aos parâmetros estabelecidos pela classe dominante como sendo o único e aceitável, faz com que as pessoas que não dominam a norma padrão fiquem excluídas de determinados contextos sociais. Apesar dos avanços da Sociolinguística nas instituições de ensino, ainda encontra-se professores que defendem o combate às diversidades linguísticas adquiridas pelo aluno. Abordam as manifestações desse fenômeno de forma muito negativa, e se posicionam de maneira intransigente quando o educando utiliza a língua-não-padrão. A visão desses profissionais é de que o educando precisa de ajuda para eliminar esses traços de sua fala, pois sua ocorrência é vista como erro, defeito, ou até mesmo um problema que precisa ser solucionado para que ele seja aceito pela sociedade.

A posição dos professores a respeito do uso da norma padrão ou da variação linguística dentro da sala de aula e as práticas docentes podem ser observadas, conforme recortes da pesquisa intitulada “Diversidade Linguística: Variação Linguística e a prática Pedagógica”. Para melhor compreensão dos eventos descritos, utilizou-se a letra “A” para a fala alunos e pseudônimo para os professores, os quais foram nomeados como sendo Cecília Meireles e Olavo Bilac.

##### **4.1.1 Professora Cecília Meireles**

Cecília Meireles é gramaticista, desenvolve seu trabalho com base nos conceitos de certo para o que está de acordo com a gramática, e errado para as manifestações da língua que não correspondem às normas gramaticais.

##### **Excerto 01<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup> Trecho extraído da transcrição da aula da professora Cecília Meireles

35. [...] Oh! Quem liga a... parou ai né? Quem liga o rádio, se bem que, quando a gente vai ligar o rádio, a televisão, assistir um jornal, a novela, um programa ... a gente espera que as pessoas que esteja falando ali.. estejam falando corretamente né. Ah! O professor... alguém na rua..o político...mas nem sempre é assim. Às vezes.. a gente conversando ali dá...[...] ninguém fala vinte quatro horas corretamente.. uma ou outra palavra você fala errado... e aí no domingo eles tiraram essas trinta e seis palavrinhas que a gente costuma ouvir e acha que está certo né.. e costuma falar e acaba achando que está certo.

O trecho acima mostra que a professora até aceita as variações na fala, pois reconhece que os indivíduos não conseguem falar de acordo com a norma padrão o tempo todo. Mas, quanto às variações na Língua Portuguesa, ela demonstra rejeição ao transmitir a ideia de existir uma única maneira correta de se expressar, ou seja, a que está de acordo com a norma culta. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.15),

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores, e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

O ensino da gramática precisa ser ministrado sem ignorar as diversidades linguísticas do aluno. O professor deve ministrar aulas fazendo um paralelo entre essas duas áreas de conhecimento, pois ensinar a norma-padrão não significa arrancar do educando todo conhecimento já adquirido para introduzir um novo saber e sim oferecer a ele esse novo conhecimento agregando-o a bagagem cultural do educando. É preciso ensinar ao aluno que existe diferença entre fala e escrita. Portanto, em situações informais, ele pode até empregar as variações linguísticas, mas no momento de escrever, não pode haver escolha, tem que utilizar a norma padrão.

Consequentemente, a atitude ideal a ser tomada pelo educador é a de conscientizar o aluno de que existem diversas maneiras de usar a língua, as quais se modificam de acordo com o local e a ocasião. Portanto, o conhecimento que o educando precisa aprender é que a língua é como a uma roupa, cada evento exigirá uma postura diferente, o qual necessita adquirir a capacidade de fazer a escolha correta da linguagem a ser utilizada.

#### **4.1.2. Professor Olavo Bilac**

Apesar de o professor não ter respondido ao questionário, as análises de dados geradas das observações que foram realizadas em suas aulas, durante a permanência em campo, forneceram informações suficientes para apreciações sobre as práticas por ele adotadas. Olavo possui formação em linguística, o que explica também certos procedimentos pedagógicos empregados por ele, como o fato dele não corrigir o aluno quando este se expressa usando a língua-não-padrão e os vários textos utilizados em suas aulas. Entretanto, o que se observa nesse educador é a priorização do ensino tradicionalista e sua forma de ensinar ainda é rígida e conservadora, e essas características podem ser verificadas no trecho a seguir:

##### **Excerto 01<sup>3</sup>**

Olavo:...()pessoal, eu sei que vocês têm essa preocupação aí com prova e tal, mas...-- -- fica um pouquinho mais tranquilo quanta a isso por enquanto, ok. Temos uma prova interdisciplinar, vocês sabem né, dia, dia 15... de abril né, aí a gente tá vendo o tema a água né, a , e outros aí, e aí a prova, a provinha nossa aqui, fica mais pro final do bimestre né...() e a prova oral de verbo, a prova oral né, daquele material que eu fiz pra vocês me entrega, pra cada um e você vem aqui a frente e faz seu seminário né, sua apresentação bacaninha! Ok. Mostrei o material que...() mostrei né, aquele que você perde já ganhou um zero né, tô guardando esse material a quase dez anos, no correio() foi um

---

<sup>3</sup> Trecho extraído da transcrição da aula 2 do professor Olavo Bilac

classificado, é um material que tem um preço né bem alto, não pelo material...() Tainara...() Por enquanto não vamos ficar preocupados com prova não tá...() prova na verdade não é bem o nosso-- -- Mais alguém pra pegar...

Um dos métodos utilizados por Olavo Bilac para avaliação é uma prova oral, também denominada por ele como seminário, a qual o aluno precisa ir à frente e apresentar oralmente os verbos relacionados pelo professor e suas conjugações. Olavo produziu uma tabela explicativa para auxiliar os alunos a fixarem os modos verbais.

Nesse sentido, o professor insiste em utilizar um procedimento gramaticista de ensinar ultrapassado. Observa-se que os traços predominantes em seus métodos ainda são de um professor que prefere não romper com o tradicionalismo, pois aceita as abordagens linguísticas só nos pontos que lhe convém no momento de ensinar a Língua Portuguesa. Sua forma de ensinar ainda é rígida e conservadora, e essas características podem ser verificadas no trecho acima.

#### **4.1.3 A Reação do Aluno no processo de “Ensino da Norma Padrão”.**

Durante as aulas, os alunos não discordaram do que o professor afirmou, simplesmente acataram. Ficaram sujeitados ao processo de ensino aprendizagem oferecido pelo educador, inertes, sem esboçar nenhuma reação como se não possuíssem capacidade de argumentar. Demonstraram não ter domínio das regras gramaticais ensinadas nas séries anteriores e sequer tiveram interesse em aprender o que estava sendo ensinado. A partir do momento em que o professor não aceitou a linguagem expressada pelo aluno, e passou a repreendê-lo frequentemente, tentando convencê-lo de que sua fala possuía alguma deficiência que o impedia de assimilar corretamente a própria língua, criam-se barreiras que dificultam o envolvimento do educando com o ensino que esta sendo ministrado.

O fragmento abaixo mostra a reação dos alunos diante do procedimento de ensino da Língua Portuguesa que estão submetidos:

##### **Excerto 07<sup>4</sup>**

109. Cecília: não uso no plural, só no singular de maneira que, de forma que, é uma locução, vocês lembram o que é uma locução? Alguém lembra...() fizeram o trabalho. ... alguém lembra o que é uma conjunção?...ninguém lembra?...que que é com.. abre o () Ah,() ele caracteriza o objeto?...() só o objeto?

110. A: Não

111. Cecília: Que mais?

112. A: Pessoa.

113. Cecília:... caracteriza o que trans-- --() o que eu tô falando de objeto, pessoa, coisa tudo né, Então o adjetivo serve para isso, para caracterizar positivo ou negativo, eu posso falar que ele é um rapaz estudioso ou posso falar que ele é um rapaz preguiçoso, então positivo ou negativo tá. Posso falar positivamente ou negativamente. A locução adjetiva, ela tem quantas palavrinhas aí pessoal?... Vou avistar quantas palavrinhas eu tenho aqui() de maneiras que, de formas que tá errado. Eu devo falar de forma que, de maneira que. Quantas palavras apareceram aí... Quantas?

114. AS: três...duas

115. Cecília: três não foi. De, forma e que ; de maneira que. () alguém lembra?() locução ela vem sozinha.

116. A: não uu

117. Cecília: lembrando, vamo volta a memoria pra()

---

<sup>4</sup> Trecho extraído da transcrição da aula da professora Cecília Meireles

Os turnos conversacionais acima mostram que os métodos de ensino usados pela professora não dão resultados positivos, pois os alunos não conseguem assimilar o conteúdo, ou seja, não dominam as regras gramaticais básicas ensinadas anteriormente. Essa defasagem na aprendizagem está vinculada à metodologia empregada, pois a professora não se posiciona como mediadora do processo de ensino. Cecília quer impor aos alunos a norma padrão como o único modo de usar a linguagem. A partir do momento que os educandos se veem pressionados a aprender as regras dessa norma e não conseguem, perdem o interesse e essa atitude os impede de absorver o conteúdo da transmitido.

## 5 Conclusão

Conciliar a diversidade linguística com as práticas pedagógicas no momento de ensinar a Língua Portuguesa não é uma opção para incrementar o processo de ensino aprendizagem do aluno, e sim uma necessidade. Não se trata somente de inserir conteúdos gramaticais durante as aulas, é indispensável que se ofereça uma educação com qualidade e respeito, a qual só irá acontecer quando a bagagem cultural do educando for valorizada. Nesse sentido, o papel do educador é de suma importância, pois sua postura vai determinar qual a posição que os alunos terão em sala de aula, se de sujeito ouujeitados no processo de ensino aprendizagem.

Para estimular esses alunos e fazer com que eles sintam-se parte no processo de ensino aprendizagem é preciso que o educador mude determinadas práticas abordadas em sala de aula e também sua visão sobre as diversidades linguísticas, pois ensinar a norma culta como se ela fosse sinônima de língua materna é um a agressão a cultura do aluno, porque, no momento em que as duas são inseridas dentro da sala de aula, e a variação da língua é ignorada, o educando tem a impressão de que está aprendendo uma outra língua.

Por meio da análise dos dados gerados pode-se concluir ao menos no que diz respeito ao *locus* desta pesquisa, que é preciso aperfeiçoar a parte teórica do educador em relação à Sociolinguística Interacional para que ele possa efetuar mudanças nas metodologias empregadas para ensinar a Língua Portuguesa, que favoreça uma abordagem que realmente envolva a diversidade linguística no ensino da norma-padrão, pois a forma como vem sendo utilizada não tem agregado conhecimento aos alunos.

## Referências Bibliográficas

BORTONI-RICADO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. **Sociolinguística Educacional**. João pessoa: Ed. Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **Nós Chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_ **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica.** 4ª Ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e Intolerância na Linguagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: Variação Linguística, Mídia e Preconceito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

---

## **i Autor**

**Vera Lúcia Godinho CARNEIRO, Profa. Especialista**

Universidade de Brasília (UnB)  
veralgarneiro@yahoo.com.br